

Censo da Educação Superior do MEC mostra tendências do segmento

A força do segmento privado

Declaração feita à Folha de São Paulo, pelo Ministro da Educação, Fernando Haddad, com base em sua análise do recém publicado Censo da Educação Superior, diz que o sistema de ensino superior estaria passando por um "momento de esgotamento do modelo anterior [baseado na expansão da rede particular] e substituição por um novo [com ênfase na rede pública]". Vale analisar, porém, essa declaração à luz dos números (Tabela 1).

Tabela 1 – Evolução do número de matrículas no ensino superior (Fonte INEP/MEC)

Ano	Instituições públicas			Instituições privadas			Total		
	# matrículas	% matrículas	% crescim.	# matrículas	% matrículas	% crescim.	# matrículas	% matrículas	% crescim.
1999	832.022	35,1%	-	1.537.923	64,9%	-	2.369.945	100,0%	-
2000	887.026	32,9%	6,6%	1.807.219	67,1%	17,5%	2.694.245	100,0%	13,7%
2001	939.225	31,0%	5,9%	2.091.529	69,0%	15,7%	3.030.754	100,0%	12,5%
2002	1.051.655	30,2%	12,0%	2.428.258	69,8%	16,1%	3.479.913	100,0%	14,8%
2003	1.136.370	29,2%	8,1%	2.750.652	70,8%	13,3%	3.887.022	100,0%	11,7%
2004	1.178.328	28,3%	3,7%	2.985.405	71,7%	8,5%	4.163.733	100,0%	7,1%
2005	1.192.189	26,8%	1,2%	3.260.967	73,2%	9,2%	4.453.156	100,0%	7,0%

Em 2004, existiam 4.163.733 matrículas totais no ensino superior. Em 2005, esse número passou para 4.453.166, um crescimento de 7%, praticamente o mesmo do ano anterior e longe das taxas observadas de 1999 a 2003, que oscilavam ao redor de 13%. Foi com base nesses dados que o Ministro considerou o "esgotamento" do modelo. Todavia, quando esses dados são analisados separando a natureza da instituição (privada e pública), a história é um pouco diferente. A taxa de crescimento das matrículas das instituições privadas foi de 9,2% e a das instituições públicas foi de 1,2%. Esse não foi um comportamento pontual, desse ano, isso vem sendo notado há tempos. De 2002 a 2005, o número de matrículas no setor privado cresceu 34,3% e no setor público o crescimento foi de somente 13,4%.

Na verdade, o esgotamento que se nota é da capacidade das instituições públicas ampliarem suas vagas. Desde que o Governo Lula chegou ao poder, essa capacidade de ampliação vem deteriorando. Em 2002, o crescimento das matrículas do setor

público foi de 12%. Esse número foi caindo progressivamente, passando para 8,1% em 2003, 3,7% em 2004 e 1,2% em 2005. Os dados do Censo mostram, ainda, que em 2005 o setor privado detinha 73,2% das matrículas do ensino superior, contra 69,8% em 2002.

A perspectiva, além disso, é de ser aprofundada essa deterioração. O Censo mostra que o número de ingressantes (calouros) nas instituições públicas caiu pela primeira vez em relação ao ano anterior, foi de 358 mil em 2004 para 331 mil em 2005 (Tabela 2). Isso é dramático, pelo menos desde 1999 o número de ingressantes das instituições públicas vinha crescendo. Em outras palavras, não fosse o setor privado, a meta brasileira de ter 30% de seus jovens no ensino superior em 2011 estaria muito mais longe do que está no momento.

Tabela 2 – Evolução do número de ingressantes no ensino superior (Fonte INEP/MEC)

Ano	Instituições públicas			Instituições privadas			Total		
	# ingressos	% ingressos	% crescim.	# ingressos	% ingressos	% crescim.	# ingressos	% ingressos	% crescim.
1999	210.473	28,3%	-	533.551	71,7%	-	744.024	100,0%	-
2000	233.083	26,0%	10,7%	664.474	74,0%	24,5%	897.557	100,0%	20,6%
2001	274.816	22,8%	17,9%	931.457	77,2%	40,2%	1.206.273	100,0%	34,4%
2002	320.354	22,7%	16,6%	1.090.854	77,3%	17,1%	1.411.208	100,0%	17,0%
2003	321.689	20,9%	0,4%	1.218.742	79,1%	11,7%	1.540.431	100,0%	9,2%
2004	357.979	22,1%	11,3%	1.263.429	77,9%	3,7%	1.621.408	100,0%	5,3%
2005	331.365	19,7%	-7,4%	1.346.723	80,3%	6,6%	1.678.088	100,0%	3,5%

Setor privado retoma crescimento

Um dado que chama a atenção no novo Censo é que foi interrompida a queda na velocidade de crescimento das matrículas no setor privado. Praticamente desde 2000, a velocidade de crescimento do segmento vinha caindo, baixando de 17,5% em 2000 para 8,5% em 2004. A maioria dos analistas previa uma continuidade dessa queda, estimando índices entre 6 e 7% em 2005. Todavia, não foi isso que foi observado, pois a taxa de crescimento em 2005 foi de 9,2%, acima do ano anterior, que caracteriza uma reversão, ao menos temporária dessa tendência.

Outro número que mostra essa reversão é a taxa de 6,6% de crescimento dos ingressantes em 2005, quase o dobro da taxa do ano anterior, que foi de 3,7%. O interessante a ser notado é que essa expansão no número de alunos não foi acompanhada por igual expansão no número de docentes. Em 2004 havia 193 mil docentes no ensino superior privado e, em 2005, esse número passou para 202 mil (crescimento de 4,7%). A relação alunos/professor aumentou de 15,5 em 2004 para 16,2 em 2005, ou seja, houve aumento da eficiência. O mesmo, porém, não pôde ser

notado no setor público, pois a contratação de novos docentes ocorreu num ritmo maior que a expansão do alunado, reduzindo a relação alunos/professor de 11,7 para 11,5, ou seja, houve queda na eficiência.

Polarização: crise x investidores

O curioso desses novos dados é o aparente confronto entre o observado em várias instituições e os dados do Censo. Há vários exemplos que sugerem uma crise no setor superior privado. Desde que a PUC-SP tornou pública a sua crise financeira, no ano passado, várias notícias tem sido publicadas dentro de um cenário problemático do setor. A própria PUC-SP anunciou recentemente que, por falta de procura, dois cursos tecnológicos (radiologia e agronegócios) tiveram sua oferta cancelada.

Na UNIMEP, em Piracicaba/SP, uma crise tomou a instituição, deflagrada pela demissão de 120 docentes em função das dificuldades financeiras enfrentadas. Os alunos, revoltados com o fato, fizeram protestos públicos, acampando em frente à Reitoria e interrompendo o trânsito na Rodovia, que acabou determinando a intervenção da polícia.

Outro fato que foi também amplamente divulgado pela imprensa foi a terceirização de professores, através de cooperativas. A iniciativa foi tomada como sinal de crise no setor. Segundo dados divulgados pela imprensa foi que existiriam 15 mil professores nessa situação, somente na cidade de São Paulo.

Esses fatos são conflitantes, todavia, com os dados do Censo, que não sinalizam essa crise. Vale ressaltar, porém, que os dados do Censo são de 2005, ou seja, há uma defasagem de no mínimo um ano com relação aos fatos relatados. Mas, ainda assim, o que parece estar ocorrendo é uma polarização no segmento, aonde de um lado estariam se posicionando instituições em crise, com graves problemas financeiros e enormes dificuldades para captar novos alunos e manter suas turmas cheias.

De outro lado, porém, estaria um grupo de instituições que desconhece essa crise e que vem apresentando vigorosos sinais de crescimento. Em muitas dessas instituições, há um grupo investidor profissional, que acaba impondo um ritmo mais moderno de gestão. O grupo Anhanguera, por exemplo, alavancado por investidores do Banco Pátria, passou de 6 mil para quase 30 mil alunos desde 2003. O Centro Universitário UNA, de Belo Horizonte, foi de 4 mil para 10 mil alunos, desde que teve seu controle transferido para um grupo de investidores. Também se incluem nesse cenário os novos "players" internacionais, com é o caso da Laureate Internacional Universities, que adquiriu a Universidade Anhembí Morumbi no ano passado e a Whitney Internacional University System, que acaba de assumir o controle das Faculdades Jorge Amado em Salvador.

Ao que tudo indica, a coisa não vai parar por aí. A julgar pela movimentação de importantes fundos de investimento nacionais e internacionais, o ano de 2007 será marcado por uma série de surpresas e novidades no setor, acentuando ainda mais essa polarização.